

ENSAIOS DA PAIXÃO: UM EXPERIMENTO ARTÍSTICO NO ASSENTAMENTO SANTANA

Sérgio de Carvalho¹

Alana Pereira²

Euzimar Pereira³

Eurilene Santos⁴

Carlos Albergaria⁵

Resumo: O artigo analisa o trabalho de criação do espetáculo *Ensaio da Paixão* (2023), realizado no Assentamento Santana, Ceará, ligado ao MST. A encenação, uma parceria entre o grupo de teatro ASAS (CE) e a Companhia do Latão (SP), reelaborou a tradição popular da Paixão de Cristo para discutir questões sociais contemporâneas, como desigualdade, gênero, sexualidade e religiosidade. A pesquisa do projeto levou em conta a história do assentamento e sua trajetória marcada pela Teologia da Libertação, pelas Comunidades Eclesiais de Base e pelas lutas camponesas por dignidade e direitos. O processo de criação foi caracterizado pela colaboração pedagógica: encontros on-line e presenciais promoveram pesquisas coletivas, entrevistas, estudos de documentos e experimentações cênicas. O processo se baseou na prática coletiva, no aprendizado mútuo e na superação das hierarquias. A estreia mobilizou a comunidade, tratando o tema da Paixão como metáfora da luta popular e da resistência a preconceitos sociais e religiosos, e fazendo uso do potencial imaginativo e politizante da prática teatral.

Palavras-Chave: Teatro; Reforma Agrária; MST.

¹ Sérgio de Carvalho é dramaturgo e encenador do grupo teatral Companhia do Latão. Entre seus espetáculos estão *O Nome do Sujeito* (1998), *Comédia do Trabalho* (2000), *Ópera dos Vivos* (2010). Entre seus livros estão: *O Pão e a Pedra* (Temporal, 2019) e *O Drama Impossível* (Edições Sesc, 2023). É professor titular na Universidade de São Paulo, onde atua no Departamento de Artes Cênicas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7857-6144> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5925760406571539> E-mail: sergiocarvalho@usp.br

² Alana Pereira é atriz e coordenadora do Grupo de teatro ASAS e Ponto de Cultura Coletivo Jovem de Formação, administradora, professora especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Formada pela I Escola de Teatro da Terra (INCRA/CE, 2013). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4974914926491214> E-mail: lanynem@gmail.com

³ Euzimar Pereira é professora dos anos iniciais do ensino fundamental; atriz; arte educadora; com formação em Pedagogia, História, Assistência Social, especializada em Agroecologia e desenvolvimento rural e Educação do Campo. Coordenadora do Ponto de Cultura do Assentamento Santana, desde 2020. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8365469528471172> E-mail: euzimarpereira@gmail.com

⁴ Eurilene Santos é teóloga habilitada em Língua Portuguesa; pedagoga; atriz; especialista em Português, Agroecologia e Desenvolvimento Rural, Educação do Campo e em Psicopedagogia Clínica e Institucional. É coordenadora do Ponto de Cultura Coletivo Jovem de Formação, desde 2020. E-mail: eurilenep@hotmail.com

⁵ Carlos Albergaria é ator, formado em Licenciatura Arte-Teatro pela UNESP. Atua na Companhia do Latão desde 2019. Participou dos espetáculos *Lugar Nenhum* (2020), *Experimento H* (2023), *A Banda Épica na Noite das Gerais* (2025), *O Mundo Está Cheio de Nós* (2019), entre outros. Email: avatarcarlos@gmail.com

PASSION REHEARSALS: AN ARTISTIC EXPERIMENT IN THE SANTANA SETTLEMENT

Abstract: This article analyzes the creative work behind the performance "Ensaios da Paixão" (Passion Rehearsals), staged in the Santana Settlement, Ceará, and linked to the MST (Landless Workers' Movement). The production, a partnership between the theater group ASAS and Companhia do Latão, reworked the popular tradition of the Passion of Christ to discuss contemporary social issues such as inequality, gender, sexuality, and religiosity. The project's research considered the history of the settlement and its trajectory marked by Liberation Theology, the Ecclesial Base Communities, and rural workers' struggles for dignity and rights. The creative process was characterized by pedagogical collaboration: online and in-person meetings promoted collective research, interviews, document studies, and stage experiments. The process was based on collective practice, mutual learning, and overcoming hierarchies. The premiere, in 2023, mobilized the community, treating the theme of the Passion as a metaphor for popular struggle and resistance to social and religious prejudices, and making use of the imaginative and politicizing potential of theatrical practice.

Keywords: Theater; Agrarian Reform; MST.

Este texto é dedicado à memória de Maria Novo.

Ensaios da Paixão (2023) pode ser considerado um caso exemplar de um trabalho artístico em que a forma de um espetáculo tradicional (Paixão de Cristo) foi modificada com intenções críticas e políticas no ambiente de um assentamento da Reforma Agrária, no Ceará. É um trabalho realizado como um experimento estético e social no Assentamento Santana, Ceará, ligado ao MST. O caso demonstra o potencial organizativo e igualitário da arte, quando ela cria uma prática comum que supera a divisão social do trabalho e estimula uma atitude de aprendizagem que vai além da simples reprodução do já conhecido.

Assentamento Santana e grupo ASAS

O espetáculo *Ensaios da Paixão* (Carvalho, 2023 – não publicado) é fruto de um processo iniciado no segundo semestre de 2021, quando ainda não havia certezas sobre a duração da pandemia. Surgiu de uma inquietação artística e política do grupo de teatro ASAS, formado por jovens artistas do assentamento Santana, localizado no município de Monsenhor Tabosa, zona sertaneja. A proposta inicial era construir uma obra teatral que fosse capaz de criticar visões de mundo conservadoras e que ao mesmo tempo dialogasse com as tradições teatrais ligadas à religiosidade católica, algo muito forte numa região que teve, no passado, a influência das Comunidades Eclesiais de Base e de lideranças progressistas como o Bispo Dom Fragoso e o Padre Alfredinho (Fredy Kunz), pessoas que ajudaram a organizar as grandes procissões camponesas conhecidas como Romarias da Terra.

A Teologia da Libertação foi fundamental para que os povos do campo do Ceará, nas décadas de 1970 e 1980, conquistassem uma perspectiva de vida com ideais de dignidade, educação e fé. Não por acaso, é o estado brasileiro em que os processos de cultura camponesa associados à Reforma Agrária têm a maior variedade de formas e acúmulo histórico, mesmo em localidades não ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A partir da influência de Crateús, o roceiro do passado começou a compreender seu próprio valor, tornando-se capaz de desafiar a lógica arcaica do “6x1” imposta pelo patrão, iniciando sua caminhada rumo à liberdade. Assim, a reflexão sobre Deus e o

“seu projeto” se tornou fundamental para as comunidades do sertão. A religiosidade passou a ser compreendida como instrumento de luta pela boa moradia, pelo acesso à água, à energia, à educação, à formação crítica.

Durante a pesquisa de *Ensaios da Paixão*, para citar um exemplo significativo, a equipe do espetáculo tomou contato com um antigo livreto da *Romaria da Terra* (1985), cedido por Maria Novo, uma cantora brilhante e benzedeira, uma amiga recentemente falecida. Ela se tornou agente fundamental do projeto, contribuindo em todas as suas fases. Na contracapa da cartilha, guardada por ela, estavam registrados os 10 mandamentos dos romeiros da peregrinação de Juazeiro. As frases ainda hoje soam explosivas:

1. Na terra onde os trabalhadores são expulsos, Deus é expulso também;
 2. A riqueza dos pobres está na união e na luta pelos direitos;
 3. Deus não tem parte com quem não reparte;
 4. Quem não vive para servir, não serve para viver;
 5. Queremos terra na terra, já temos terra no céu;
 6. O mundo será melhor quando o menor que padece acreditar no menor;
 7. Cada um de nós é um profeta;
 8. Só há igreja viva onde há comunidade;
 9. Só há igreja viva onde se luta pela justiça;
 10. Para Deus o homem e a mulher são iguais.
- (*Livro da Romaria da Terra*, 1985, n.p.)

O Assentamento Santana, formado naquele momento, surgiu de um processo de reivindicação e luta dos camponeses e camponesas, motivados pelas CEBs, junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Monsenhor Tabosa, por meio de um abaixo assinado encaminhado ao INCRA, do Ceará, que solicitava a desapropriação da fazenda improdutiva. Os antigos meeiros explorados, por influência da Igreja dos Pobres, compreenderam que sua liberdade produtiva era condição para a liberdade de pensamento. Quando conquistada a terra, as famílias escolheram coletivizar parte de suas práticas de produção, com rebanho comum, supermercado comunitário. Escolheram morar numa agrovila em meio à qual foi erguida uma pequena igreja – em mutirão. Com o passar dos anos, conquistaram também uma escola, a São Francisco, de ensino fundamental, e mais tarde a Florestan Fernandes, voltada ao ensino médio e técnico, hoje referência regional na área da Educação, com estudantes de várias vilas e municípios.

Foi, portanto, uma disposição histórica à autonomia socializante, desenvolvida com o estudo propiciado pelas gerações anteriores, que levou, anos depois, a que alguns jovens assentados tivessem condições de questionar as vertentes mais conservadoras deste “projeto de Deus” transmitido por seus avós, sobretudo quando sentiam que certas concepções do passado eram utilizadas como elemento repressivo dos jovens que não se encaixavam nos moldes morais dos mais velhos. *Ensaios da Paixão* nasceu do desejo de debater alguns preconceitos arraigados que persistem em meio a uma religiosidade de potencial amoroso, e que no passado era capaz de produzir mobilização social. Somente uma prática artística comum poderia ajudar a enfrentar essas contradições de difícil enunciação.

Outro disparador do projeto foi a existência de uma teatralidade viva no próprio assentamento. Ela é praticada de forma tradicional, em festas como o Reisado de seu Antônio Ludú ou nas procissões dos ciclos festivos. E de modo mais experimental, é desenvolvida pelo grupo de teatro ASAS, coletivo de jovens liderado pelas atrizes Alana Pereira, Eurilene Santos e Euzimar Pereira. O grupo ganhou suas feições atuais a partir do contato com outros agentes culturais do Ceará, em especial com a rede PACRA - Projeto de Arte e Cultura na Reforma Agrária, que articula desde 2003 coletivos culturais de assentamentos e comunidades indígenas do Ceará. Esta rede notável, concebida por Silma Magalhães quando era funcionária do INCRA, criou a Escola de Teatro da Terra, um projeto pioneiro de formação artística iniciado em 2013, e que modificou os caminhos de invenção do ASAS.

Toda essa movimentação surgiu no quadro nacional de revalorização das manifestações da arte popular do campo ocorrida a partir de 2004, quando da criação dos pontos de cultura ligados ao projeto Cultura Viva, um programa do primeiro governo Lula que propiciou o desenvolvimento de diversas ações culturais comunitárias. O Ponto de Cultura do assentamento, ligado à Cooperativa, e sede do ASAS, está ativo desde 2010.

Significativamente, o projeto *Ensaios da Paixão* foi iniciado num momento de refluxo dessa atenção pública, em meio a um dos piores períodos das políticas culturais do país, quando foi desmontado o Ministério da Cultura. Seu caráter excepcional decorre da história singular de politização das artistas

envolvidas, que fizeram uso do teatro como meio de diálogo com a tradição cultural da comunidade, ao mesmo tempo em que desejavam discutir questões de gênero e de sexualidade para denunciar injustiças que atingem cotidianamente as pessoas que não se encaixam nos padrões dominantes – mesmo aquelas que vivem em ambientes progressistas.

Colaboração com a Companhia do Latão

O convite para a colaboração com a Companhia do Latão não foi casual. A amizade do grupo com o dramaturgo e diretor Sérgio de Carvalho remonta a 2013, quando ele foi responsável por uma das sessões de formação da Escola de Teatro da Terra, ocorrida no espaço da associação cultural do Assentamento Todos os Santos, em Canindé, Ceará. Naquele ano, a peça *Ópera dos Vivos* (2010) do grupo paulistano, foi apresentada no assentamento Todos os Santos e filmada com a colaboração da comunidade e estudantes. Alana Pereira foi uma das atrizes do filme. Tanto o dramaturgo como a Companhia do Latão mantêm um longo histórico de colaboração com o MST. Em 1998, o espetáculo *Santa Joana dos Matadouros* foi exibido nas comemorações de 15 anos do Movimento e, a partir dali, ações pedagógicas e parcerias vêm sendo realizadas junto aos Coletivos de Cultura do Movimento e em assentamentos.

O convite para um estudo conjunto sobre a Paixão de Cristo, veio precedido, portanto, de uma admiração artística mútua e de um interesse formativo comum. E logo na primeira reunião on-line, ocorrida em meados de 2021, foram apresentadas as perguntas orientadoras do trabalho teatral, formuladas pelas artistas do ASAS: De que modo podemos mostrar Cristo como um revolucionário, alguém que desafiou as estruturas dominantes e excludentes? E se Cristo voltasse hoje: quem seguiria de fato sua proposta de amor radical, livre, universal? Quem são os Cristos de hoje? O que cada geração entende como “o projeto de Deus”?

Ensaios e escrita à distância

Os trabalhos de *Ensaios da Paixão* se iniciaram com encontros on-line quinzenais. De imediato, foi reformulada a proposta original. A expectativa dos artistas do grupo era receber um texto ou roteiro escrito por Sérgio de Carvalho, pautado pelas ideias que tinham em mente, para que pudessem encenar de modo autônomo.

As primeiras reuniões geraram um caminho diferente. Surgiu a convicção de que a escrita deveria ser posterior, decorrer do processo de pesquisa, da investigação conjunta, na qual três frentes de estudos seriam desenvolvidas até que surgissem os encaminhamentos formais. A peça teria que contemplar muitos pontos de vista e se basear na aprendizagem sobre o tema. A dimensão processual e pedagógica deveria vir na frente de qualquer orientação para o resultado.

A primeira frente de pesquisa foi a da reflexão sobre a atualidade da Paixão: a indagação sobre as injustiças contemporâneas, sobre quem são os “crucificados de hoje”, tanto no nível dos problemas sociais do país, como na dimensão do cotidiano do assentamento. Para esta frente, seriam realizadas entrevistas no assentamento e pesquisa em jornais. Às perguntas iniciais se juntaram novas: Quais as formas de crucificação da sociedade atual? Se Jesus aceitava os oprimidos da época, por que há hoje cristãos que perpetuam opressões? E qual nossa postura diante disso?

A segunda frente de estudo era a história de lutas do assentamento, sob a influência da Teologia da Libertação e da Diocese de Crateús. O grupo procuraria documentos nas casas de seus avós e realizaria entrevistas de modo a conhecer melhor a relação da religião com as lutas do passado. O aprendizado do cancioneiro das Romarias faria parte do estudo.

A terceira se voltava à revisão das cenas tradicionais da Paixão de Cristo, a partir da leitura de suas fontes originais, os textos dos Evangelhos. O estudo faria uso de escritos e de pinturas antigas em torno do tema para definir os quadros e gestos fundamentais de cada estação.

Ao longo do processo on-line foram feitas análises das diferenças entre as visões de mundo dos jovens, adultos e idosos do assentamento Santana, no

intuito de compreender o pensamento religioso das gerações. Interessava ao grupo registrar esse mosaico de costumes e ideias que ainda têm em comum a crença num “Deus roceiro, humano e libertador”.

A estratégia do trabalho on-line era mostrar, sempre que possível, não as fontes da pesquisa, mas sim experimentos artísticos baseados nas entrevistas e leituras realizadas. Cenas teatrais eram gravadas em vídeo e apresentadas ao grupo nos encontros virtuais. Foi assim que as diretrizes gerais do roteiro começaram a se esboçar.

No que se refere ao referenciamento estilístico, é possível dizer que a dramaturgia procurava combinar várias influências. O grupo passou a estudar o cancioneiro tradicional das CEBs, aprendido da voz marcante de Maria Novo, que sabia de cor todas as melodias antigas. Por outro lado, procurava-se liberdade em relação à tradição. A poesia e o realismo deveriam andar juntos em cena. E a hesitação inicial era da ordem do assunto: escrever uma peça sobre a história do assentamento? Um espetáculo com cenas do preconceito atual? Ou seguir no universo da Paixão de Cristo. A última opção foi a que se impôs, e as outras dimensões apareceriam nos detalhes das falas e gestos, ou como desvios da narrativa central.

Ao longo do processo, Sérgio de Carvalho trouxe para as reuniões alguns integrantes da Companhia do Latão, com tarefas artísticas e pedagógicas. O ator Carlos Albergaria cuidou da sistematização das reuniões, organizando os encontros na fase on-line. Mais tarde, teve papel importante na preparação dos atores, na organização da música e da trilha sonora, além de integrar o elenco. Outra parceria importante para a dramaturgia veio da musicista Nina Hotimsky, que compôs melodias para canções surgidas nos encontros. Seu companheiro, Rafael Presto, colaborou com o aprendizado coletivo quando ministrou, à distância, uma oficina de percussão.

Aspectos da invenção dramatúrgica: roteiro e canções

Em dezembro de 2021 já havia um bom material de cenas e acúmulo de debates que permitia a escrita da primeira versão do roteiro teatral, numa síntese

literária a ser feita por Sérgio de Carvalho. As canções ajudaram a estruturar o roteiro. E o modo como elas surgiram traduz o mecanismo pelo qual os debates se converteram em dramaturgia. Em uma das entrevistas os artistas do grupo escutaram de uma pessoa mais velha a frase conservadora de que a relação homoafetiva “não faz parte do projeto de Deus”. Diante do fato de que a “religião do amor” seria central no espetáculo, essa afirmativa preconceituosa inspirou uma canção em que a atriz que representava Mariazinha (Vitória Santos) perguntava ao coro (Carvalho, 2023, n.p. – não publicado):

Qual é o projeto de Deus?
Qual é o projeto de Deus?
Às vezes me pergunto
Às vezes me pergunto

E o Coro se junta a ela, cantando:

O quê Deus quer nos mostrar?
Qual o erro? A traição?
Qual o certo? O gesto bom?
Que perfume derramar?

Como enquadramento da narrativa, a peça decidiu acompanhar a história de uma mãe e sua filha. Ambas seguem Jesus e seus discípulos durante os dias da Paixão. Essa moça foi expulsa de casa pelo pai, quando ele descobriu a orientação sexual da filha. A mãe dela a segue, na tentativa de protegê-la de mais violências. As duas fugitivas são acolhidas no grupo de Jesus, quando a multidão se reúne para a procissão de entrada do chamado Domingo de Ramos.

A peça apresenta, portanto, uma abertura em que a multidão de Ramos se confunde com o público de espectadores. Neste prólogo, escrito para ser encenado ao ar livre, feito ao redor de uma árvore da praça do Assentamento, os discípulos aguardam o jumentinho que levará o Rei dos Pobres para a entrada na cidade, até a ocupação do Templo de Jerusalém. O público recebe os ramos cortados das mãos de uma personagem popular, uma pessoa entusiasmada por Jesus (o Dá Árvore), o mesmo que defende as duas mulheres das agressões do pai bêbado. Dá Árvore empunha um facão que se tornou símbolo da luta pela terra no MST.

O roteiro de *Ensaios da Paixão* acompanha, em seguida, as estações desse grupo de seguidores do Cristo revolucionário, pessoas que enfrentam os cambistas e mercenários do Templo de Jerusalém e que são perseguidas quando Jesus é preso devido à traição de um de seus discípulos. O espetáculo dedica especial atenção à Mãe e Filha porque elas se politizam ao se juntarem à luta daquelas outras pessoas pobres. É a Mãe quem canta, de modo narrativo, com a melodia da canção do Projeto de Deus (Carvalho, 2023, n.p. – não publicado):

Meu marido viu partir
o amor que ele gerou
viu um beijo tão bonito
e não quis se despedir
de uma filha - que negou

Ela descreve – em recitativo – o comportamento de seu ex-marido, num texto que corresponde a muitos casos da atualidade:

Isolado na amargura,
homem triste vida bruta
teimosia, mão no peito,
teve a chance da alegria
e gastou no preconceito.
Nossas mãos são para bater?
Nossos dedos para apontar?
A palavra do mais velho
dá direito a condenar?
Quanto falta para se ver
que o projeto de Deus -
de Justiça e Igualdade
Tolerância e Verdade,
não está escrito no livro?
É o amor que sabe amar.
É o amor que sabe amar.

As estações do espetáculo dialogam de modos às vezes direto com as cenas tradicionais da Paixão. Várias situações e diálogos, entretanto, são novos. Cada sequência teatral procura enfatizar os temas sociais subjacentes ao Evangelho. A ideia de um Cristo que lutou contra a concentração da riqueza, que enfrentou as estruturas mercantis, e escolheu se sacrificar para evitar um banho de sangue maior, e que ao fazer isso contraria a expectativa de seus seguidores,

surge em cada passagem da dramaturgia. Como subversão formal da tradição, Jesus raramente é “personificado” em cena. Aparece indicado por coros ou narrado por outras personagens. Nas poucas vezes em que ouvimos sua voz, ele é representado por uma mulher, a mesma atriz que faz Maria Madalena. Tal movimento de socialização do centro de empatia e do ponto de vista narrativo procura aludir à história de luta do próprio assentamento, o que é reforçado pela presença dos cancioneiros tradicional das Pastorais da Terra nos deslocamentos de uma estação a outra (Carvalho, 2023, n.p. – não publicado):

Na quinta feira, Jesus com seus discípulos
foi de Betânia para Jerusalém
Fazer a páscoa, Jesus com seus amigos
e padecer a favor do nosso bem.
(...) Considerai, ó meu povo, que ainda hoje
De Jesus Cristo continua a Paixão
Em todo aquele que é traído e negado
E condenado pela humana corrupção.
(Coro) Ó vós, ó vós, vós que por aqui passais,
Olhai, dizei
Quem nesse mundo sofreu mais?

Até mesmo a terceira frente da pesquisa entrou no roteiro. O maior exemplo disso é a cena do Horto, em que Jesus canta e dança com seus discípulos antes de ser preso e torturado. A imagem incomum de uma cena de alegria, em meio à tristeza da Paixão, foi extraída de um texto pouco conhecido, o *Acta Johannis*, um dos materiais ditos “apócrifos” e não incorporados ao Evangelho canônico. Uma canção de roda do espetáculo é inspirada nesse escrito (*Ibdem*):

ATRIZ-JESUS (*canta no centro da roda*) - Serei salvo e salvarei.
CORO (*canta e dá início à dança*) - Eu também.
ATRIZ-JESUS - Eu ferido, ferirei.
CORO - Eu também.
ATRIZ- JESUS- Eu liberto, livrarei.
CORO - Eu também.
ATRIZ-JESUS- Eu nascido, nascerei.
CORO - Eu também. (*O coletivo assume de vez o canto rítmico e animado.*) Eu ouvido, ouvirei. Eu também. Eu lembrado, lembrei. Eu também. Eu lavado, lavarei. Eu comido, comerei. Eu também. Bem pensado, pensarei. Eu também. Eu também. Eu também.

Encontros presenciais e realização de um filme

No início de 2022, surgiu a oportunidade de um primeiro encontro presencial do projeto. Com recursos mínimos, captados por meio da Lei Emergencial Aldir Blanc, o grupo de teatro ASAS criou condições para a gravação de um filme-experimento a partir da primeira versão do texto. Com a boa vontade dos envolvidos, janeiro se tornaria um mês marcante na memória de todos porque, finalmente, o espetáculo começa a ganhar corpo. A semana intensa de debates, jogos teatrais e improvisações, foi repleta de aprendizados. O cineasta responsável pelo registro foi o amigo Lucas Madi. Os figurinos foram improvisados: algumas roupas vieram de São Paulo, doadas pela atriz Helena Albergaria, que passou a acompanhar o processo à distância, como colaboradora. Outras roupas e objetos foram produzidos no próprio assentamento. Houve uso de adereços produzidos com materiais orgânicos, como palha de coco, vassouras de carnaúba e fibras de bananeira: alguns descansos de panelas circulares, feitos de palhares, se tornaram os halos dos discípulos. Tudo foi feito com a colaboração de Rosa Albergaria, que visitava o assentamento pela primeira vez e atuou como figurinista e assistente de direção do filme dirigido por Sérgio de Carvalho. Ele realizava seu primeiro trabalho artístico após a pandemia, num tempo em que já preparava, no Theatro Municipal de São Paulo, a ópera *Café*, na qual o MST também entra em cena.

A primeira versão de *Ensaios da Paixão* foi, assim, encenada para o vídeo. O resultado foi apresentado num webinário transmitido no canal do YouTube do grupo ASAS, com a participação de vários parceiros. A qualidade estética do experimento já indicava a força da pesquisa, concebida por um coletivo ousado e sonhador, em seu desejo de encontrar novos modos de fazer teatro.⁶

⁶ <https://www.youtube.com/live/qCcmahCxEgo?si=XnPkkJI4EPSJJzHM>. O filme começa após 41 minutos e 16 segundos da transmissão.

Ensaios presenciais e realização do espetáculo no Assentamento

As avaliações que se seguiram a essa abertura confirmaram o entusiasmo de todos por um processo em que a maior dificuldade era a falta dos encontros presenciais. O roteiro recebeu novos ajustes após os ensaios filmados, nos escassos ensaios on-line realizados nos meses seguintes. Mas era preciso dar forma concreta ao espetáculo e apresentá-lo à comunidade para a qual foi escrito. Somente um ano depois, isso se tornou possível, desta vez graças ao empenho e à colaboração voluntária de muita gente.

A montagem teatral de *Ensaios da Paixão* foi planejada para ocorrer em janeiro de 2023, mês de férias de muitos dos envolvidos. Sérgio de Carvalho convidou outro parceiro de longa data da Companhia do Latão para integrar a equipe: o figurinista e cenógrafo Cássio Brasil. Ao lado de ambos estava novamente Carlos Albergaria. E o primeiro encontro com a equipe do ASAS no assentamento se deu no dia de Reis, dois dias antes da assustadora tentativa de golpe de Estado em Brasília, assistida por todos pela televisão. Na semana seguinte, juntaram-se ao grupo Helena Albergaria, que cuidou da preparação do elenco para a estreia, e Rosa Albergaria, que seguiu como assistente de figurinos. O ASAS convidou ainda Silma Magalhães e alguns membros da Rede PACRA, oriundos do grupo de teatro Carrapicho, do Assentamento Todos os Santos, de Canindé, e do grupo Muc'Arte do Assentamento Mucuim, de Arneiroz, para que somassem ao processo e colaborassem na montagem.

Não é possível descrever neste artigo os intensos trabalhos realizados nos 15 dias de ensaios e preparação do espetáculo. Registramos aqui apenas algumas das frentes do trabalho:

a) ATUAÇÃO: na quadra de esportes da escola, o elenco ensaiava diariamente, com o apoio de uma produção exemplar. As tarefas da cozinha eram lideradas por Ozelina Santos. Mesmo com um tempo curto, a opção da direção cênica foi a de aplicar as metodologias de ensaio improvisacional utilizadas na Companhia do Latão. A fase inicial dos ensaios foi voltada à realização de jogos de coletivização, imitação e experimentos livres, sem que nenhum texto fosse “decorado” antes. O intuito era criar um processo divertido,

que ajudasse a desinibir os novatos, e que fosse capaz de gerar uma “atitude de estudo” e interesse pelas situações e personagens da peça, antes de qualquer procura de “eficácia teatral”. Firmou-se o conceito de que teatro não é “falar bem”, e sim construir relações vivas com as pessoas em cena, manter conexões gestuais, procurar comprometimento da imaginação que permita interações concretas. O trabalho com os diálogos, monólogos e situações do texto bem conhecido (pois todos participaram de sua escrita) se deu assim com atenção ao significado (antes da forma), na procura de uma atuação menos voltada aos estereótipos retóricos, mesmo quando todos sabiam que se buscava um espetáculo de comunicação forte, que seria encenado ao ar livre, algo que exigia intensidade na enunciação verbal. A equiparação entre artistas iniciantes e as atrizes mais experientes do grupo se deu naturalmente. O texto poético, com momentos cômicos, passou a ser tratado com realismo e vibração narrativa. Todo o grupo compreendeu vivamente o “método das contradições” praticado pela Companhia do Latão porque, de certo modo, ele correspondia a seu próprio gosto pela junção entre invenção alegre e vida. A dramaturgia foi finalizada por Sérgio de Carvalho a partir desses ensaios.

b) MUSICALIZAÇÃO: a música era uma parte importante para um espetáculo feito ao ar livre: do ponto de formulação de sentidos narrativos, da instauração de atmosferas emocionais, como elemento de aglutinação do público, como “motor” da montagem itinerante, feita em trânsitos. Não havia na equipe um músico ou instrumentista especializado, capaz de se responsabilizar por toda a construção sonora. Assim, Carlos Albergaria organizou um estudo básico de musicalidade e coralidade que permitiu ao grupo criar ambientes sonoros e cantar as composições do espetáculo. Em todos os ensaios, ele orientava aquecimentos vocais e exercícios de ritmo e de canto, mantendo comunicação com a compositora Nina Hotimsky que, ocasionalmente, colaborou pela internet. Algumas das músicas que ela havia composto como trilha para o filme foram adaptadas nos ensaios. Todos que atuavam passaram a ter funções musicais nos coros cantados. Alguns instrumentos artesanais foram construídos e utilizados em cena: um didiridu feito com canos de PVC era tocado pelos guardas em alguns dos momentos de deslocamento; uma espécie de xilofone,

também feito de canos de PVC era tocado com chinelos de borracha na cena de luta de Mariazinha; cabaças eram empunhadas pelos guardas, como se fossem porretes, sendo capazes de produzir o som de chocalhos. Durante a encenação, uma escaleta e uma zabumba foram tocadas por Carlos. Presas a correias, podiam ser tocadas simultaneamente. Alguns assistentes musicais da comunidade se integraram ao grupo na véspera da estreia.

c) FIGURINOS E ADEREÇOS: nas horas livres dos ensaios de atuação, toda a equipe trabalhava empenhada e animadamente com Cássio Brasil na confecção de figurinos e adereços. Ele apresentou ao grupo uma nova maneira de olhar para o material que está ao redor, valorizando as belezas locais, incentivando um olhar responsável para o que a comunidade produzisse, tendo como referência nossa casa maior: a Natureza. As roupas convencionais da Paixão de Cristo foram criadas com tecidos e materiais da região. A comunidade se envolveu profundamente, num trabalho artesanal com grandes feições pedagógicas. Doou redes e lençóis usados para as vestes, ajudou na produção, e colocou literalmente a mão na massa. Cabaças eram cortadas para serem usadas de modo estilizado nas armaduras dos soldados romanos. A história do assentamento entrava, assim, em cena, no trabalho aplicado às roupas usadas pelo elenco. E a memória desse esforço comum – que influenciou depois outros setores do Ponto de Cultura – tomou as ruas dos assentamentos. O sentido geral do espetáculo se produzia na tarefa comum de vestir a cena, antes mesmo da estreia.

d) ENCENAÇÃO E ILUMINAÇÃO: o espetáculo foi estruturado para que o público o assistisse em diversos espaços do assentamento. A apresentação seria à noite, ao ar livre. Em algumas das estações foram montadas áreas cênicas, com cadeiras e bancos retirados da igreja, dispostos em semicírculo, para que as pessoas mais velhas pudessem se sentar durante as cenas mais longas. Em cada uma das estações foram postos barris metálicos azuis que serviam de apoio para iluminação. Alguns deles tinham um furo no alto para receber um cano especialmente preparado – na ponta do qual havia um refletor teatral potente, trazido de São Paulo pela equipe da Companhia do

Latão, e que se deslocava antes que a procissão chegasse. No que diz respeito à luz de cena, ela se deu também como um trabalho formativo: a maioria dos refletores foram construídos no assentamento, com materiais adquiridos na região. Uma mesa de luz simples, com interruptores domésticos, foi criada pelo eletricista da comunidade. Cabos de energia e extensões foram emprestados por vários moradores. A mobilização, conduzida por Sérgio com a colaboração de Genilson Conceição, permitiu que surgisse uma iluminação equivalente à de um teatro ao ar livre. Depois do prólogo de Ramos, os espectadores se deslocavam com os atores para dentro da escola primária próxima. Do lado de fora dos muros, assistia-se de pé a uma cena, antes que se desse a entrada no pátio da escola, onde foram criadas três grandes áreas cênicas: uma em frente às salas de aula, feita para a cena do Ceia; outra no gramado, para a cena da Dança do Horto; e a terceira num pequeno palco de alvenaria, onde Pilatos faz o seu “teatro” da lavagem das mãos. Uma série adicional de cenas curtas ocorria durante o deslocamento do público. A procissão de espectadores dava a volta na escola, antes de retornar à praça. Não muito longe da árvore do prólogo, havia a última estação iluminada, ao redor das grandes pedras, onde ocorre a sequência das lutas e da crucificação.

Estreia e desdobramentos

Ensaio da Paixão estreou em 20 de janeiro de 2023. Foi reapresentado na noite seguinte. A equipe de trabalho envolveu muita gente. Em cena estavam: Alana Pereira, Eurilene Santos, Euzimar Pereira, Vitória Santos, Laria Vitória, Taynara Costa, Cléa Nascimento, Priscila Sousa, João Victor Martins, Denilson Sousa, Claudiano Pereira, Cris Alves, Paôla Sousa, Silas Sousa, Ithalo Rodrilgues, Ronaldy Torres, Heloísa Luz, Sophia Santos, Carlos Albergaria.⁷

⁷ Produção: Irismar Luz, Genilson Conceição, Márcia Costa, Ozelina Santos. Figurinos e adereços: Cássio Brasil. Assistência de figurinos: Rosa Albergaria. Composição Musical: Nina Hotimsky. Preparo de elenco: Helena Albergaria. Colaboração na pesquisa: Maria Novo (em memória). Assistência de iluminação: Genilson Conceição. Assistência de direção e trilha sonora: Carlos Albergaria. Dramaturgia, iluminação e direção: Sérgio de Carvalho. Apoio da Rede Pacra. Realização do Grupo Asas do Assentamento Santana com a colaboração da Companhia do Latão. Além dos nomes citados, o espetáculo contou com muitos outros colaboradores da comunidade.

Na véspera, com dúvidas sobre se cairia ou não a chuva rara do sertão, preparamos uma versão alternativa do espetáculo, para o espaço fechado da escola. Mas a estreia se deu com céu aberto. Vieram visitantes de longe para assisti-la. Contou com presença massiva da comunidade. O público se envolveu intensamente com a história, mesmo estranhando o caminho narrativo desconhecido. Via em cena um Jesus sem rosto, mas que se parecia com todos nós, que sentia nossas dores. Na sequência final, diante da pedra da Crucificação, João chama Pedro, para que ele não mais se esconda depois da “negação”, numa cena em que a atriz que representa João se apresenta como uma artista da vida real (Carvalho, 2023, n.p. – não publicado):

JOÃO - Venha Pedro, não há mais tempo para medo nem vergonha. (*Aponta o alto da pedra.*) Ele está ali no alto, e nós aqui embaixo. Ainda vivos. Venha, Pedro. Ali está Maria. Escondida naquele véu, a menina que um dia recebeu o dom de gerar a vida. E ali estão as outras Marias. (*Mostra as mulheres do elenco.*) E eu que descrevo esta cena, como se fosse João, sou uma mulher neste assentamento, que foi uma conquista da luta coletiva. Você mevê Pedro? Consegue entender que o galo canta todas as madrugadas? E que só sabemos a cor do dia quando ele nasce? E que todos podemos nos modificar, perder o medo e lutarmos juntas? Contra a ignorância, a injustiça e o preconceito. Pelo direito de sermos o que quisermos. Venha Pedro, para que um dia estejamos em humana igualdade.

Muitas vezes, vimos lágrimas emocionadas nos olhos de pessoas que, provavelmente, reconheciham suas próprias histórias de vida. Muitos voltaram para a reapresentação do dia seguinte, igualmente comovente. Alguns, quem sabe, repensaram suas crenças sobre o projeto de Deus. Pois no “projeto de Deus” de *Ensaios da Paixão* cabiam os amores homossexuais, as prostitutas, um bêbado amorável, e até um Jesus que dança. Cabiam o amor e a rebeldia de uma mãe que teve a coragem de romper com o machismo e seguir ao lado da filha. O espetáculo itinerante pelas ruas do assentamento cumpriu a expectativa do grupo: deixou na comunidade uma reflexão que, mesmo sem mudar tudo, de imediato, inquietou consciências.

A colaboração entre o grupo de teatro ASAS e Sérgio de Carvalho não se encerrou em *Ensaios da Paixão*. Houve um desdobramento do trabalho com um experimento mais próximo da liturgia tradicional, realizado na Semana Santa de 2025. Mais uma vez, coletivamente, foi criado um espetáculo itinerante, apresentado na manhã da Sexta-Feira Santa, que permitiu ao grupo explorar um campo da cultura popular tradicional. Foi outro momento de encontro, um novo capítulo dessa história de aprendizado, colaboração e amizade.

Tudo, em *Ensaios da Paixão*, é pedagógico: não apenas em termos técnicos, mas também como experiência de vida. Por trás das histórias emocionantes da cena, o trabalho coletivo igualitário entra em cena. O espetáculo segue em processo. Ainda existe o sonho de levar essa experiência a mais pessoas, de contribuir com a formação de outros grupos, a partir de nossa vivência. E de produzir uma reflexão didática sobre o processo, uma futura cartilha de utilidade prática, para a qual este artigo é um primeiro passo.

Algumas imagens do espetáculo

Figura 1 – A personagem Dá Árvore convoca os espectadores à rebelião, após a prisão de Jesus, em *Ensaios da Paixão*. Eurilene Santos. Ao fundo, Claudyano Pereira, Denilson Sousa e Taynara Costa



Fonte: foto de Kennedy Saldanha.

Figura 2 – A mãe confronta um soldado romano, em *Ensaios da Paixão*. Com Alana Pereira e Ronaldy Torres



Fonte: foto de Kennedy Saldanha.

Figura 3 – Judas se encontra com o Mestre, em *Ensaios da Paixão*. Da esquerda para direita: Ronaldy Torres, Silas Sousa, Silas Sousa, João Victor Martins, Cléa Nascimento, Taynara Costa, Vitoria Santos, Priscila Sousa, Paôla Sousa, Laria Vitória, e Alana Pereira



Fonte: foto de Kennedy Saldanha.

Figura 4 – A crucificação do ponto de vista das mulheres e dos apóstolos, em *Ensaios da Paixão*. Com Paôla Sousa, Euzimar Pereira, Alana Pereira e Taynara Costa



Fonte: foto de Kennedy Saldanha.

Figura 5 – A santa ceia como lembrança, em *Ensaios da Paixão*. Com Laria Vitória, Paôla Sousa, Priscila Sousa, Euzimar Pereira e Cris Alves



Fonte: foto de Kennedy Saldanha.

Figura 6 – Judas é pressionado a delatar Jesus, em *Ensaio da Paixão*. Com João Victor Martins, Silas Sousa e Ronaldy Torres



Fonte: foto de Kennedy Saldanha.

Figura 7 – Jesus-Madalena é conduzida a Pilatos, em *Ensaio da Paixão*. Com Ronaldy Torres e Laria Vitória



Fonte: foto de Kennedy Saldanha.

Figura 8 – Cirineu com a cruz imaginária, em *Ensaios da Paixão*. Com Priscila Sousa, Laria Vitória, Paôla Sousa, Cris Alves e Denilson Sousa



Fonte: foto de Kennedy Saldanha.

Figura 9 – O beijo de Judas, em *Ensaios da Paixão*. Com Cléa Nascimento, de costas, e Laria Vitória



Fonte: foto de Kennedy Saldanha.

Volante de iluminação

Figura 10 – O diretor Sérgio de Carvalho ajusta um refletor com a ajuda de Genilson Conceição. Ao fundo, Denilson Souza e Silas Sousa na cena do Cirineu. Na plateia, com vestido rosa, Maria Novo



Fonte: foto Grupo Asas.

Cenas do filme

Figura 11 – Os apóstolos se preparam para a ocupação em Jerusalém. Frame do filme *Ensaios da Paixão*. Com Priscila Sousa, Euzimar Pereira, Cléa Nascimento, Laria Vitória, Eurilene Santos, Taynara Costa, Vitoria Santos e Alana Pereira



Fonte: foto Lucas Madi.

Figura 12 – O apóstolo João pede a Dá Árvore que não ameace o pai violento com o facão. Frame do filme *Ensaios da Paixão*. Com Euzimar Pereira e Eurilene Santos



Fonte: foto Lucas Madi.

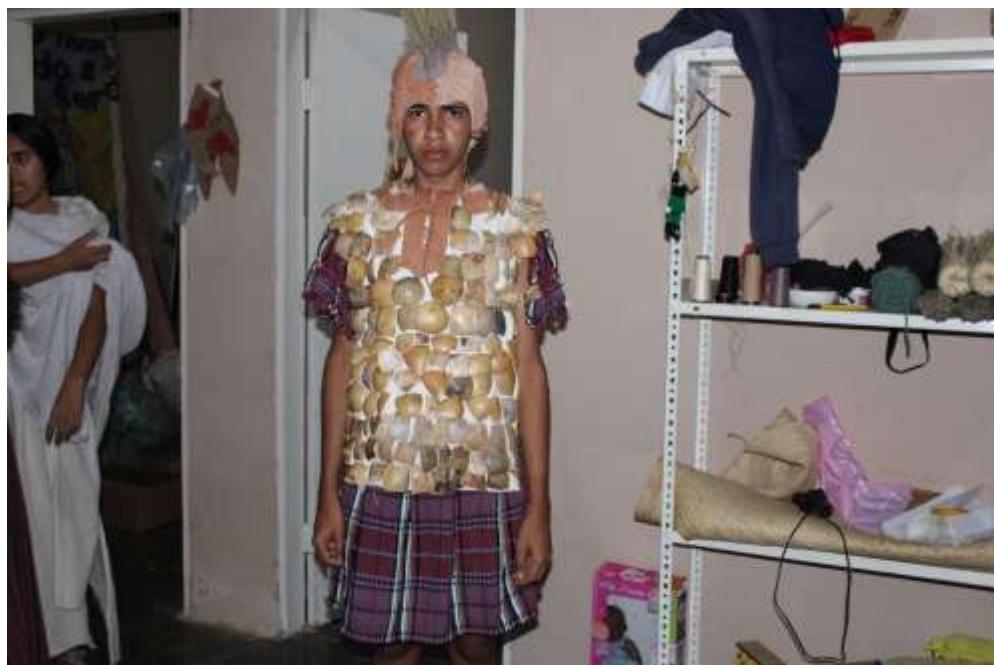
Figura 13 – O elenco canta *Qual é o projeto de Deus*. Frame do filme *Ensaios da Paixão*. Com Priscila Sousa, Taynara Costa, João Victor Martins, Alana Pereira, Laria Vitória, Cris Alves, Vitoria Santos, Cléa Nascimento, Eurilene Santos e Euzimar Pereira



Fonte: foto Lucas Madi.

Preparação e ensaio

Figura 14 – Prova de figurino para o espetáculo *Ensaios da Paixão*. Vitória Santos e Ronaldy Torres de soldado romano



Fonte: foto Alana Pereira.

Figura 15 – Ensaio de luta-dança para cenas da resistência aos soldados romanos e da expulsão dos vendilhões do Templo, em *Ensaios da Paixão*. Sérgio de Carvalho dirige Eurilene Santos, Vitoria Santos e Taynara Costa



Fonte: foto Alana Pereira.

Figura 16 – Ensaio de luta-dança para cenas da resistência aos soldados romanos e da expulsão dos vendilhões do Templo, em *Ensaios da Paixão*



Fonte: foto Alana Pereira.

Equipes do espetáculo

Figura 17 – O elenco do filme *Ensaios da Paixão*: Laria Vitória, Cléa Nascimento, João Victor Martins, Euzimar Pereira, Taynara Costa, Alana Pereira, Cris Alves, Eurilene Santos e Vitoria Santos e Priscila Sousa



Fonte: foto Foto Lucas Madi.

Figura 18 – Equipe e colaboradores do espetáculo *Ensaios da Paixão*: Márcia Costa, Silas Sousa, Denilson Sousa, Ithalo Rodrigues, Ronaldy Torres, Alana Pereira, Claudyano Pereira, João Victor Martins, Laria Vitória, Helena Albergaria, Cássil Brasil, Priscila Sousa, Cris Alves, Carlos Albergaria, Euzimar Pereira, Paôla Sousa, Taynara Costa, Vitoria Santos, Cléa Nascimento, Eurilene Santos, Silma Magalhães, Ghyslaine Araújo e Rosa Albergaria



Fonte: foto Grupo Asas.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Sérgio. **Roteiro de Ensaios da Paixão.** Inédito (texto não publicado), 2023.

Livro da Romaria da Terra: caminheiros em busca de terra livre. Fortaleza: CPT Regional Nordeste I, 1985.

Recebido: 01/10/2025
Aceito: 10/10/2025